

## A memória da imagem

Há 2021 anos o véu de Verônica talvez seja a primeira imagem que mais se aproxima do que seria uma fotografia. Basta olharmos para lermos a mensagem de súplica que Verônica transmite aos carrascos de Jesus e aos olhos da população.

É sobre esse poder, essa teimosia de algumas imagens fazerem-se presentes em nossas memórias que quero refletir com vocês. Quando uma imagem consegue sobreviver aos tempos, vencer as resistências de épocas é porque ela criou raízes, incrustou-se às emoções dos indivíduos, entrou para a história.



Mattia Preti, *Santa Verônica com el velo*, 1655-1660

Em 1855 Roger Fenton foi enviado para fotografar a guerra da Criméia. “Vale da Sombra da Morte” é a primeira e uma das mais controversas fotografias feitas num campo na guerra, neste caso, após a batalha. Balas de canhão ao longo da estrada junto a possíveis cadáveres fizeram aquela fotografia ser questionada e estudada ao longo dos anos. A

controvérsia também coloca a arte no Olimpo. Neste caso rompe-se a afirmação de que “se tem fotografia é porque é real.”



Roger Fanton. Vale da Sombra da Morte. 1855

Algumas imagens têm esse poder mágico de nos acompanhar por muitos anos. Elas nos seguem independente do nosso querer. São teimosas, são fortes e vencem com indiferença toda e qualquer rejeição.

Em 1982, quando Argentina e Inglaterra entraram em guerra pela Ilhas Malvinas, fiquei muito atento àqueles acontecimentos porque havia rumores de que o Brasil convocaria recrutas para lutar ao lado dos argentinos. A minha preocupação era porque talvez eu fosse convocado devido a idade. Felizmente não aconteceu.

No entanto, continuei acompanhando a batalha pela televisão, que assistíamos em tempo real desde o instante em que o míssil saía da boca do canhão e chegava incendiando navios e afogando os inimigos.

Um evento que me marcou foi o navio argentino General Belgrano naufragando em chamas e os soldados argentinos pulando nos botes salva-vidas. 793 se salvaram, mas 323 não conseguiram sair e o navio afundou com eles dentro. Durante anos o poder dessa imagem perturbou meu sono. É como se eu estivesse ardendo em chamas ou lá dentro sendo afogado com a tropa.

As fotografias desse naufrágio conseguiram transmitir os gritos dos corpos sendo consumidos pelas chamas e o desespero dos que morriam afogados embora eles não estivessem ao alcance das lentes. Prefiro imaginar que os soldados que conseguiram se salvar que estão nos botes de onde

fizeram as fotos, estão cantando o hino do seu país em homenagem aos companheiros que sucumbem naquele inferno.

A foto mais emblemática daquela tragédia é de dois homens que estão ficando para trás em cima do navio quase todo submerso. Eram o Suboficial Ramón Barrionuevo e o capitão Héctor Bonzo.





Suboficial Ramón Barrionuevo junto do capitão Héctor Bonzo<sup>1</sup>, os últimos a saírem do navio

Todos os soldados sendo atacados por dois entes impiedosos, o míssil carregado de explosivos e a Dona Morte, “vestida de túnica preta, com sua foice ao lado, cortando delicadamente o respiro, o fio de vida” daqueles soldados<sup>2</sup>. Segundo Bayard “[...] o homem é o único animal que acende fogo e enterra mortos”<sup>3</sup>... ou os afoga. Os fantasmas daqueles soldados não me tiram o sono. A insônia vem da foto, da imagem trazida daquele mar revolto para dentro da minha casa, da minha vida.

Segundo Barthes,

*“A fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas de atestar que o que vejo de fato existiu... a Fotografia tem alguma coisa a ver com a ressurreição...” (BARTHES, 2015, p.71)*

Foi essa ressurreição que minha memória trouxe em forma de penumbra mas que a fotografia descortinou toda a verdade, toda a realidade daquela guerra. É por causa dessa fotografia que senti na pele o desespero daqueles soldados que sucumbindo ao naufrágio.

Ao rever a fotografia, quarenta anos depois, ainda estou tentando salvar aqueles garotos. Puxar o navio pela popa e soprá-lo rumo a

---

<sup>1</sup> <https://www.naval.com.br/blog/2017/05/08/o-afundamento-do-cruzador-general-belgrano-incrivel-historia-de-coragem-por-tras-de-uma-foto/>

<sup>2</sup> Matos, Fernanda. *“A psicofotografia como suporte do luto”*

<sup>3</sup> BAYARD (1996, p. 43), apud Matos, Fernanda. *“A psicofotografia como suporte do luto”*

terra firme, para junto de suas famílias, namoradas e histórias apenas iniciadas.

O macabro espetáculo do navio soçobrando às regiões abissais, a aflição dos soldados em fuga, a agonia dos que estavam morrendo, tudo existe por causa daquela fotografia, daquele ângulo, daquela luz do dia, da verdade que aquela fotografia nos mostra.

Em visita ao Ushuaia, conhecido como “A Tierra del Fin del Mundo” visitei uma exposição ao ar livre sobre a guerra das Malvinas. Novamente a fotografia conta a história para os que não estiveram no front. Outra vez a emoção daquela guerra tomou conta de mim. Isso foi tão arrebatador que naquela noite fui dormir cedo com o corpo todo em frangalhos, apesar de a exposição mostrar a guerra de forma amena, graciosa, com os soldados argentinos rindo, os prisioneiros ingleses sendo bem tratados. Ali estava a história contada por um dos lados, o lado que parecia vencedor.



Foto João Rios, 2012

Os soldados que não conseguiram pular nos botes estão vivos nas lembranças dos seus companheiros. Quando esses morrerem ou suas memórias falharem, toda a guerra estará viva nas fotografias que eles mesmos tiraram. Não importa quanto tempo, cada vez que os familiares dos que morreram na guerra virem aquelas fotografias tentarão resgatar seu ente querido. Seja com memórias ou com outra guerra.

A fotografia do navio General Belgrano surge como uma esfinge, uma escultura, uma lembrança em praça pública daquela guerra. É como se a fotografia não deixasse a guerra acabar nem a morte jogar no abissal todas as lembranças e os feitos daqueles soldados. As balas e o fogo aniquilam o inimigo, acabam com a guerra, mas as lembranças eternizadas nas fotografias não assinam o tratado de paz, não deixam a guerra acabar.

Neste momento estamos noutra guerra. Nossa batalha é contra o novo coronavírus e todos nós fomos convocados para o combate. Todos estamos no front. Você é um soldado?

Não precisamos estar na linha da frente nos hospitais, a retaguarda também é campo de combate. Eu e você somos soldados combativos. Como você gostaria de aparecer na fotografia que será exibida ao mundo, um soldado combativo ou apanhado pelo inimigo?

Hoje os jornais destacam fotografias de pessoas rezando em frente a hospitais pelos seus parentes e amigos que estão perdendo a guerra para a Covid 19. A foto mostra não apenas uma oração, mostra o hino da humanidade, do Ser humano.

Veio-me ao coração a dor daqueles penitentes e o sofrimento dos parentes doentes. A fotografia conseguiu transmitir os gemidos silenciosos das pessoas que estão entubadas morrendo sem um parente a apertar-lhes a mão. Gemidos que poderiam ser evitados se as autoridades brasileiras estivessem sendo competentes em guiar os soldados num grande pacto nacional contra o novo coronavírus.

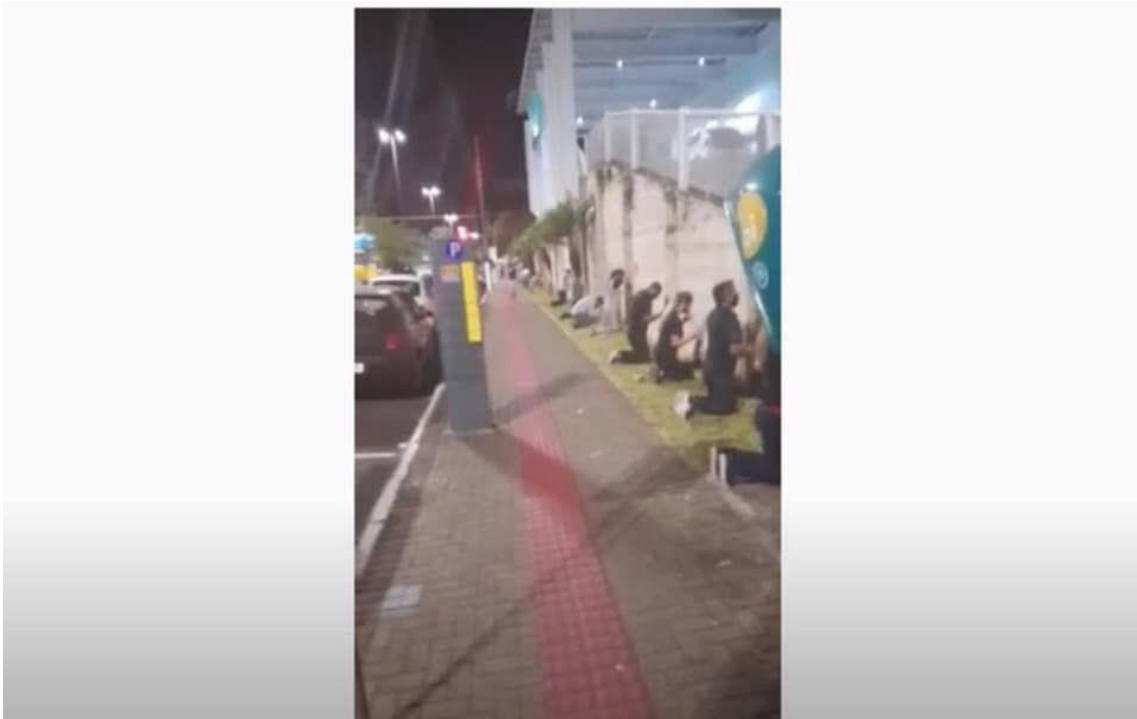


Foto extraída da internet



Grupo cerca Hospital Municipal de Mogi das Cruzes em oração por doentes da Covid-19 — Foto: Adriano Rozeno/Arquivo Pessoal - Foto extraída da internet



Grupo faz oração por doentes em frente a hospital de Campo Limpo Paulista Foto: Antônio Ferreira/TV TEM - Foto extraída da internet

Daqui a alguns anos estas fotos nos trarão de volta a 2021, ano em que no momento em que este texto foi escrito mais de 400 mil brasileiros haviam perdido a vida noutra campo de batalha, num hospital. Novamente olharemos para trás e diremos que estivemos nesta batalha. Fomos soldados cada vez que usamos máscaras, higienizamos as mãos com água e sabão ou álcool 70% e mantivemos o distanciamento social.

As imagens destes devotos em torno dos hospitais é daquelas lembranças que demorarão a sair do meu pensamento. Tal qual no caso do navio, eu não estou lá dentro, nem estou aqui fora fotografando, estou distante, longe, noutras paragens. Mas o poder da fotografia me puxa para dentro do navio, do hospital, para dentro da história. Sem ter como sair, entro na história, me embrenho pelo desconhecido, não acho caminho de volta. A angústia tenta me arrastar, me sufocar, tirar meu ar. Novamente a fotografia vem ditar meus pensamentos. Não é o olho que vê a imagem, é a imaginação que fotografa a cena e a desnuda para minha alma, para atormentá-la, para não deixá-la fugir à realidade. Pois a realidade não é o que vejo é o que levo.

João Rios Mendes, maio 2021